

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

DA RIBEIRA VELHA AO CAMPO DAS CEBOLAS. ALGUNS DADOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA

Inês Simão¹, João Miguez², Marta Macedo³, Teresa Alves de Freitas⁴, Cristóvão Fonseca⁵, José Bettencourt⁶

RESUMO

O actual Campo das Cebolas associa-se, historicamente, à actividade portuária e mercantil da frente ribeirinha de Lisboa. Os trabalhos de arqueologia aqui realizados no âmbito da construção de um novo parque de estacionamento, permitiram identificar um conjunto de contextos preservados, balizados entre os séculos XVI e XX. Foi assim possível obter uma leitura diacrónica da evolução urbana da antiga Ribeira Velha, a partir do século XVI, quando se dá o seu aterro, fruto do plano de aterros da frente ribeirinha iniciado por D. Manuel I. Os vestígios identificados centram-se, assim, no século XVII, com a instalação do mercado da Ribeira Velha; no século XVIII, com a nova feição da Lisboa pombalina; e no século XIX, com as remodelações do Porto de Lisboa.

Palavras-chave: Lisboa, Frente ribeirinha, Ribeira Velha, *Ver o Peso*, Porto de Lisboa.

ABSTRACT

Located in Lisbon's riverfront, Campo das Cebolas is historically associated with the city's port and mercantile activity. The construction of a new park lot has enabled significant archaeological findings from the 16th until the 20th centuries to be discovered, allowing new insights on the urban evolution of the old Ribeira Velha, namely D. Manuel I's embankment of the riverfront. The archaeological remains relates to the 17th century Ribeira Velha market, to Lisbon's new architecture and buildings after the 1755 earthquake and the 19th century refurbish of the port of Lisbon.

Keywords: Lisbon, Riverfront, Ribeira Velha, *Ver o Peso*, Port of Lisbon.

1. ENQUADRAMENTO DOS TRABALHOS

Da Empreitada de Obra Pública para Execução dos Desvios dos Serviços Afectados para Construção do Parque de Estacionamento no Campo das Cebolas, resultaram um conjunto de trabalhos arqueológicos, a cargo da Era Arqueologia S.A., realizados entre os meses de Fevereiro e Julho de 2016.

Estes trabalhos decorreram no centro histórico de Lisboa, na área do Campo das Cebolas, junto à frente ribeirinha da cidade, entre a Rua da Alfândega e a Avenida Infante D. Henrique.

Tendo ocorrido numa fase prévia à construção do futuro parque de estacionamento, englobaram a escavação arqueológica do subsolo a afectar pelos trabalhos de desvios de infra-estruturas previstos

1. Era – Arqueologia S.A.; inessimao@era-arqueologia.pt

2. Era – Arqueologia S.A.; joao.miguez@gmail.com

3. Era – Arqueologia S.A.; martalacastamacedo@gmail.com

4. Era – Arqueologia S.A.; teresafreitas@era-arqueologia.pt

5. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores; cristovaofonseca@gmail.com

6. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores; jbettencourt.cham@gmail.com

em projecto, assim como, os trabalhos de escavação prévia da área de implantação do futuro parque de estacionamento.

Importa notar que este projecto, a cargo do arquitecto Carrilho da Graça e abarcando tanto a construção do novo parque de estacionamento, como a reabilitação urbana desta área da cidade, pretendeu adaptar-se às possíveis estruturas arqueológicas aqui preservadas. Partindo da análise da cartografia histórica e dos dados recolhidos na fase prévia de diagnóstico arqueológico, (Simão, 2014 e Miguez, 2016), procurou-se então aproveitar os antigos limites do cais pombalino da Ribeira Velha, preservando-os e integrando-os no novo parque, na antiga área de rio. Ao nível dos desvios de infra-estruturas de subsolo, foram realizadas 16 valas em toda a área de implantação do projecto, para desvio ou reforço de um conjunto diverso de infra-estruturas de electricidade, telecomunicações, gás, água e saneamento urbano. Na maioria destas valas foram apenas afectados contextos contemporâneos, caracterizados pela presença de infra-estruturas de subsolo pré-existentes e atingindo profundidades médias de cerca de 1m. De uma forma geral, os contextos arqueológicos identificados nestas áreas são representados por ocasionais caneiros de saneamento urbano, assim como, alguns alicerces de edifícios, ambas realidades pós-terramoto.

Entre estas áreas de intervenção destacaram-se as valas 1, 6, 10 e 13, realizadas no traçado para a construção de um novo colector de saneamento urbano. Correspondem assim às áreas de intervenção com maior impacte no subsolo, nas quais se atingiu cotas de cerca de 4m de profundidade. A sua escavação permitiu identificar um importante conjunto de contextos preservados, representando os níveis de ocupação do Campo das Cebolas, entre os séculos XVI e XX.

Foram ainda observadas realidades associadas a estes mesmos contextos na área de implantação do futuro parque de estacionamento, local onde os trabalhos arqueológicos englobaram uma fase de escavação prévia, a uma profundidade de c. 1,70m. Aqui afectaram-se essencialmente níveis de aterro contemporâneo, associados a remodelações do Porto de Lisboa, ocorridas em finais do século XIX.

Esta escavação prévia permitiu ainda colocar à vista as estruturas portuárias pombalinas a integrar parcialmente no futuro parque de estacionamento, nomeadamente os paredões de cais que formavam

a Doca da Ribeira Velha e respectiva escadaria de acesso ao rio, assim como outras realidades associadas aos referidos momentos de ocupação do actual Campo das Cebolas (Figura 1).

Encontramo-nos numa zona geográfica com um papel bastante relevante na evolução de Lisboa, em plena frente ribeirinha, na base da colina do castelo e aberta a Sul para o estuário do Tejo.

Esta área vai, desde logo, destacar-se como local de acesso da cidade ao rio, principalmente para a população que habita a colina do castelo. A antiga Ribeira Velha teve assim um importante papel mercantil e portuário, com particular destaque para o período entre os finais do século XVI e o início do século XX, como iremos compreender pelos resultados dos trabalhos agora realizados.

2. DA RIBEIRA VELHA AO CAMPO DAS CEBOLAS

2.1. Século XVI

Durante o período medieval esta é uma zona de praia, fronteira e exterior às muralhas da cidade, tendo-se ali aberto a Porta do Mar, na Cerca Moura, numa área de “faina de borda d’água” onde se desenvolvem actividades de calafetagem e arranjo de barcos ou em cuja praia são estendidas as redes de pesca. (Macedo, 1943: 5)

Até meados do século XVI correspondia a um terreiro que partia das muralhas e cuja área foi aumentando através do espaço ganho ao rio, sobretudo por acção antrópica, através da realização de aterros sucessivos da margem do Tejo.

Os contextos mais antigos agora identificados associam-se precisamente a este avanço da margem do rio, com um importante conjunto de níveis de aterro, cuja presença se observou desde a zona fronteira à Casa dos Bicos até aos paredões de cais pombalinos que os vieram sobrepor.

Representam um momento em que se observa um maior avanço do espaço urbano sobre o rio, fruto das transformações da cidade manuelina, numa altura em que a frente ribeirinha de Lisboa sofreu importantes remodelações, essencialmente associadas à renovada importância da ligação ao Tejo.

Trata-se de um conjunto de depósitos de matriz essencialmente arenosa, caracterizados por uma componente cerâmica muito forte, cuja deposição, de acordo com as suas cotas, ocorreu de Norte para Sul. Localizados na antiga margem do rio, esta suces-

são de sedimentos é, assim, formada por depósitos naturais da praia, intercalados por níveis de aterro, numa zona com influência directa das marés, onde se foi acumulando um numeroso conjunto de materiais aqui descartados.

O seu valor patrimonial é essencialmente assinalado pela presença deste espólio arqueológico, correspondendo a um conjunto diverso de materiais que aqui foram sendo descartados ou mesmo perdidos, deixando-nos uma importante colecção quinhentista, com diversas origens.

De facto, o abundante conjunto de vestígios identificados vem maioritariamente destes níveis, onde foi recolhido diverso material cerâmico, em vidro, em metal ou em madeira, assim como fauna e outros vestígios alimentares, como carções e cascas de frutos secos.

Apesar da sua diversidade, as tipologias de materiais identificadas mostram um conjunto homogéneo nas quatro valas de saneamento referidas, que se enquadra genericamente no século XVI, corroborando os dados históricos relativos à alteração da frente ribeirinha lisboeta durante este século. (Cruz, 2016)

A cerâmica comum é sem dúvida a mais representada, mas as peças importadas são também frequentes, nomeadamente ao nível da porcelana chinesa ou de majólicas italianas. Surgem ainda algumas peças vidradas, como um conjunto de apitos de água com representações de cavalos e seus cavaleiros; fragmentos de canecas tipo *belarmino*, de origem norte europeia; ou fragmentos de potes tipo *martaban*, de origem oriental (Figura 2).

Foram ainda recolhidos diversos fragmentos de cachimbos de caulino ou em cerâmica, peças em vidro, selos em chumbo, diversas contas de colar, elementos decorados em osso, agulhas ou pentes, e ainda alguns elementos de adorno em ouro.

Ao nível da cronologia é importante referir que nas valas 1, 10 e 13, localizadas mais a Sul, na Rua dos Arameiros e no antigo jardim do Campo das Cebolas, estes materiais se enquadram na 2ª metade do século XVI, sobejando aqui, a porcelana chinesa do período *Jiaying*, produzida em meados do século XVI e exportada para Portugal na 2ª metade deste século.

Na vala 6, fronteira à Casa dos Bicos e à antiga muralha da cidade, no mesmo tipo de depósitos, a porcelana encontra-se ausente, permitindo ponderar a hipótese de nos encontrarmos já perante sedimentos da 1ª metade do mesmo século, altura em que a porcelana é ainda rara nos contextos arqueológicos

portugueses. Considerando a sua localização mais a Norte, estes níveis poderão assim representar um primeiro momento de avanço da margem, possivelmente associado à construção dos novos edifícios nobres adossados à antiga muralha, como exemplifica a Casa dos Bicos edificada no ano de 1523, (Amaro, 2002).

Quando entramos na segunda metade do século XVI, no actual Campo das Cebolas, observava-se então uma renovada frente urbana, na qual se instalaram novos palácios da nobreza e burguesia comerciante, incorporando a antiga muralha. Lisboa era uma cidade voltada ao rio e a Ribeira Velha um amplo terreiro onde era possível aportar pequenas embarcações (Figura 3).

2.2. Séculos XVII / XVIII

A passagem para o século XVII permite-nos observar um papel mais marcante desta área urbana no quotidiano de Lisboa, com a instalação do Mercado da Ribeira Velha no antigo terreiro voltado ao rio.

Frei Nicolau de Oliveira, em 1620, referia já o grande mercado na Ribeira Velha, a nascente do edifício da Alfândega, como um dos mais importantes mercados da cidade (Oliveira, 1991).

Segundo o mesmo autor, chegando-se a Lisboa vindo de Oriente, junto ao rio, existia uma zona de praia com uma grande praça, desde o Chafariz de El-Rei até às torres da Igreja da Misericórdia, “*numa parte da qual se agasalham e compõem as barcas de pesca de Alfama [...] e na outra parte estão trinta e quatro cabanas*” que correspondiam às áreas de venda do mercado da Ribeira Velha, com a sua grande variedade de produtos, quer de caça como de criação, hortaliça, frutas verdes e secas, assim como peixe e marisco, pão, mel ou manteiga, (Oliveira, 1991, p. 101). Este mercado correspondia, assim, a um conjunto de cabanas ou alpendres compridos, espalhados pela praça, desde o Cais de Santarém até à antiga Alfândega das Sete Casas, onde as vendedeiras se agrupavam por géneros alimentares, normalmente acompanhadas das respectivas casas do dízimo.

Desde logo referenciado pela presença de “*todos os mais comestíveis, tudo em grande abundância e quantidade*” (Sande, 1997, p. 152), este mercado recebia diversos produtos chegados via Tejo e ali descarregados, com especial importância dos produtos hortícolas vindos da zona saloia e descarregados no Cais de Santarém, assim como do peixe que traz a instalação das tabernas do Malcozinhado e os seus

fritadores de peixe ” (Sande, 1997, p. 152), (Figura 4). Nos trabalhos agora realizados este momento de ocupação encontra-se representado por uma sobreposição de pavimentos, que nos demonstram uma diversidade de momentos da vida deste mercado, caracterizados essencialmente por uma gradual subida da cota de circulação.

Embora representando diferentes momentos de utilização do mercado, estes pavimentos mantiveram uma tipologia semelhante. A calçada foi predominante, construída com pequenos blocos e seixos, de calcário, mas sobretudo de basalto, predominando o tom negro destes pavimentos.

Estes níveis de circulação, representados nas valas de saneamento referidas, associavam-se a um conjunto de pequenas bases que terão servido de suporte a postes ou pilares de apoio/delimitação do espaço das barracas que aqui se situavam. Estes elementos correspondiam a simples buracos de poste, abertos na calçada; a lajes de calcário, colocadas na vertical sobre um alicerce em alvenaria; ou ainda a conjuntos de elementos pétreos rectangulares, com um encaixe central quadrangular.

A análise estratigráfica e do espólio associado aos contextos intervencionados permitiu balizar o período de vida deste mercado entre os finais do século XVI/início do XVII e meados do século XVIII, tendo este sido realocado, após o terramoto de 1755, para a zona Nascente da presente área de intervenção, junto ao denominado Cais de Santarém.

Articulada com este momento cronológico, importa referir a identificação de uma lápide em calcário, com a inscrição Nossa Senhora dos Remédios, aparentando estar colocada *in situ*, embora afectada por um dos alicerces de um edifício pombalino, que a sobrepunha parcialmente (Figura 5).

Estava colocada verticalmente, enterrada em cerca de 75cm, ficando à vista o topo superior onde se pode ler a inscrição, a uma cota coincidente com a cota mais recente de circulação do Mercado da Ribeira Velha, encontrando-se cravada nos níveis sobre os quais se construiu esta calçada.

Assim, esta inscrição, de cariz religioso, deverá ter sido utilizada durante o período em que funcionou no local o mercado, com uma provável cronologia do século XVII.

A sua tipologia aponta para uma possível pedra foreira, que poderá ter ali sido colocada como marco de propriedade. Importa notar a existência da Capela de Nossa Senhora dos Remédios, construída no

século XVI em Alfama, a cargo da irmandade de São Pedro Telmo (www.patrimoniocultural.pt). Com fortes ligações aos pescadores e mareantes deste bairro, não é descabida a ocupação de terras na frente ribeirinha pela referida irmandade.

Esta ocupação mercantil seiscentista encontra-se ainda interligada com um conjunto de estruturas, identificadas na zona Sul da Rua dos Arameiros, que se podem associar à presença do Forte da Ribeira neste local.

Este forte, também conhecido por Baluarte ou Fortim da Ribeira, (Castro, 1870, p. 229), correspondia a um edifício localizado a Este da antiga Alfândega das Sete Casas, representado neste local na cartografia histórica de Lisboa, a partir de meados do século XVII. A sua construção poderá estar relacionada com a Guerra da Restauração e consequente construção de fortes para protecção da barra do Tejo (Santos, 2012).

Nos presentes trabalhos foi identificado um conjunto de paredes em alvenaria, que definem duas áreas edificadas, fronteiras uma à outra, rodeadas por uma provável área abaluartada, junto à margem do Tejo. As suas faces exteriores, voltadas ao rio, são constituídas por silhares em calcário bem aparelhado, sendo o seu miolo construído com blocos de calcário margoso unidos por argamassa de cal e areia, de tom claro, alaranjado (Figura 6).

Como para o mercado da Ribeira Velha, os seus níveis de ocupação estão representados essencialmente pela sobreposição de pavimentos, com a correspondente subida de cota, apresentando uma cronologia balizada entre meados do século XVII e meados do século XVIII.

A presença destas duas realidades não pode ser dissociada da presença do rio Tejo e da função portuária desta área da cidade.

As diferentes fontes cartográficas e iconográficas da época deixam compreender uma constante presença de pequenas embarcações aportadas nesta zona de margem, a nascente do Terreiro do Paço. Com maior ou menor detalhe, é possível perceber a presença de zonas de cais que são também referidos nas fontes escritas, como exemplificam as denominações de Cais de Santarém, Cais da Aldeia Galega, Cais da Madeira ou Cais da Rainha.

Júlio de Castilho, ao fazer a sua descrição histórica da margem do Tejo, refere que, nesta zona do mercado da Ribeira Velha, “*pelo lado do mar seguia uma fila de mui formosos cais rodeados de muletas*”,

(Castilho, 1941, p. 57), deixando-nos compreender a presença destas estruturas portuárias, representadas na planta de Carlos Mardel com o levantamento de Lisboa pré-terramoto.

A linha de costa seria então demarcada pela presença de paredões, de traçado mais ou menos rectilíneo, que poderiam formar pequenas zonas de acostagem e de acesso ao rio.

Os contextos seiscentistas agora intervencionados revelaram duas prováveis estruturas portuárias que se enquadram nesta realidade, com uma possível rampa de acesso ao rio, junto ao Forte da Ribeira Velha, assim como, parte do paredão do antigo Cais de Santarém.

A primeira surgiu na denominada vala 10, onde se identificaram duas construções paralelas, cuja localização e características, com alçados de silhares em calcário voltados ao rio, permitem associar às estruturas pré-pombalinas de cariz portuário representadas nesta área, por exemplo, na planta de Carlos Mardel de 1758. De facto, observando a cartografia pré-1755, verificamos que neste local existiria uma zona de cais ou uma rampa de acesso ao rio e sabemos que “*havia n’esta Ribeira um caes chamado «da Rainha».*” (Castilho, 1941, p. 57).

As possíveis evidências do Cais de Santarém surgiam na zona Nascente da área de implantação do futuro parque, correspondendo a uma estrutura com cerca de 3 metros de largura e uma face aparelhada virada ao rio. Este cais terá sido um marco na cidade, como uma das primeiras infraestruturas portuárias desta frente ribeirinha, substituído posteriormente pelas novas estruturas portuárias pombalinas (Cruz, 2016) (Figura 7).

Até 1755, a Ribeira Velha mantém-se então, genericamente, como um amplo terreiro, delimitado por áreas de cais, com uma intensa actividade portuária, que abastecem um dos mais importantes mercados da cidade.

2.3. Séculos XVIII / XIX

Será finalmente o terramoto de 1755 que trará importantes mudanças nesta malha urbana, altura em que se verifica a reurbanização da frente ribeirinha, enquadrada no plano de reconstrução da Baixa de Lisboa, trazendo uma reorganização do seu espaço que altera radicalmente a sua fisionomia.

É finalmente abandonada a antiga configuração da Ribeira Velha, como área aberta com algumas estruturas de pequeno porte, verificando-se uma redefi-

nição da linha costeira e a construção de grandes estruturas de apoio à actividade portuária e mercantil da zona.

Estas novas realidades, entre as quais se destacam os paredões da nova Doca da Ribeira Velha, os edifícios mercantis de *Ver o Peso*, a nova área edificada do Terreiro das Farinhas ou o novo mercado da Ribeira Velha, representam os contextos arqueológicos de maior impacto identificados nos trabalhos agora realizados, surgindo nas diferentes áreas de intervenção (Figura 8).

Como principal alteração deste espaço observa-se a remodelação da linha de cais, com a construção de novos paredões, criando o novo Cais da Ribeira Velha.

A nova estrutura portuária prolongava-se agora desde o Cais das Colunas, no Terreiro do Paço, rodeando a nova Alfândega e criando uma doca de aportagem na zona fronteira à antiga Porta do Mar, com respectiva escadaria de acesso ao rio, junto aos novos edifícios do *Ver o Peso* (Figura 9).

Encontrando-se em bom estado de preservação e tendo sido amplamente colocada à vista, foi possível caracterizar a sua arquitectura como exemplo da construção portuária pombalina.

O seu paramento Sul era composto por grandes silhares em calcário, bem aparelhados e dispostos em fiadas irregulares, marcados pela erosão provocada pela água do rio.

A restante estrutura foi feita com recurso a elementos pétreos de calcário e margas, de média e grande dimensão, que se encontravam ligados por argamassa de cal e areia, de coloração bege. Verificou-se também a presença de alguns “gatos” em ferro, nomeadamente nas uniões de alguns silhares de calcário.

Esta estrutura encontrava-se assente em estacaria de madeira, do mesmo tipo da verificada nas restantes estruturas pombalinas, tendo sido possível registar a presença de uma grande longarina e três travessas, colocadas sob o referido paredão.

Ocupando a antiga área de implantação do Mercado da Ribeira Velha, as novas áreas edificadas, entre as quais se destacam os edifícios denominados *Ver o Peso*, vão ser construídas de acordo com esta nova linha de margem.

Os contextos associados a estes edifícios foram intervencionados nas valas 1, 10 e 13, nas quais se observaram os alicerces das duas construções de grande porte, de planta sub-rectangular e quadrangular, situados junto à nova Alfândega.

No período pré-terramoto, esta instituição municipal situava-se junto ao antigo Largo do Pelourinho, entre as actuais Ruas do Comércio e da Alfândega, e onde “... iam a pesar (...) os géneros de todos aquele que, conforme o seu comércio, careciam de maiores pesos do que os que lhe eram tolerados pelas disposições em vigor.” (Silva, 1987, v.1, p. 128). Após o terramoto e com o novo plano urbanístico posto em prática, esta repartição muda de localização para a Ribeira Velha, ficando anexa à nova Alfândega e tendo funções de “mercado de azeite e vinho.” (Machado, 1880, p.118). Os vestígios arqueológicos destes edifícios correspondem a um conjunto de muros em alvenaria, com um aparelho construtivo bastante argamassado, caracterizando-se pela sua robustez, fácil de compreender perante a dimensão e localização ribeirinha da área edificada que sustentam. De acordo com a construção pombalina utilizada na Baixa de Lisboa, as fundações destes edifícios assentavam sobre estruturas de madeira que serviam de embasamento para os seus alicerces. Estas correspondiam a grades, constituídas por longarinas e travessas, apoiadas sobre um conjunto de estacas, cravadas verticalmente no solo. Algumas apresentavam pregadura em ferro, usadas para as ligar entre si (Figura 10). Associados a estas estruturas, identificaram-se também alguns níveis de circulação, nomeadamente vários segmentos de um pavimento constituído por lajes de calcário, assentes numa base de argamassa esbranquiçada, que corresponderia à pavimentação do interior destes edifícios. Associava-se ainda a estes edifícios um importante conjunto de caneiros, construídos com lajes de calcário, fazendo parte do seu sistema de saneamento. Este documenta uma preocupação que pautou a reconstrução pombalina de Lisboa, com a criação de um novo sistema de saneamento urbano na cidade (Barros, 2014). Para além destes dois edifícios, na zona mais a Nascente, foi identificado mais um conjunto de estruturas de construção pós-terramoto, referenciadas como Mercado da Ribeira Velha, correspondendo assim à realocação pombalina do antigo mercado seiscentista (Figura 11). Estas estruturas definem três compridas áreas edificadas, de planta rectangular, que observamos na cartografia histórica, com os seus diferentes compartimentos interiores, desenvolvendo-se genericamente com uma orientação Este-Oeste, ao longo da margem do rio.

Os diversos muros apresentam um aparelho construtivo similar, em alvenaria irregular, tendo sido construídos com blocos de calcário e argamassa amarelada, algo friável, e cumprindo essencialmente funções de alicerces.

Estes imóveis ladeavam uma rua calcetada, que se desenvolvia também ao longo do rio, antigamente conhecida como Travessa das Linheiras, junto ao Cais de Santarém.

Esta rua foi construída sobre um bem preservado sistema de saneamento urbano, representado por uma conduta central, ao longo da mesma rua, à qual se ligava um conjunto de pequenas condutas que serviam de ramais aos diferentes compartimentos dos três edifícios.

Estas condutas, seguindo a mesma tipologia das observadas nos edifícios pombalinos de *Ver o Peso*, foram construídas com lajes de calcário e argamassa de cal e areia, de tom alaranjado, apresentando uma secção rectangular.

A reorganização do espaço urbano do actual Campo das Cebolas trouxe ainda a construção de um quarteirão de prédios, fronteiro à Casa dos Bicos, dando origem à área conhecida como Terreiro das Farinhas. Esta zona, edificada no período pós-1755, foi utilizada até ao século XX, sendo descrita como área de instalação de pequeno comércio e alguns armazéns e tendo a sua demolição ocorrido nos anos 40 deste século.

«Todas aquelas cazinhas, as Cazinhas do Senado da Câmara, que desde a Rua dos Arameiros até ao Campo das Cebolas se estendem ao longo das ruas da Alfândega e dos Bacalhoeiros, estão a ser demolidas para desafogo do sítio, e assim, lá se vão os antigos boqueirões, o pitoresco e miniatural terreirinho das Farinhas e o edificozinho da antiga estalagem dos Bicos, onde há mais de 120 anos se explora a indústria hoteleira. Mais uma relíquia de Lisboa, a sua antiga e popular Ribeira Velha, que desaparece perante as imposições, aliás naturais, da vida actual... Paciência.» (Macedo, 1943, p. 62)

As estruturas que faziam parte destes edifícios eram construídas em alvenaria robusta, bem argamassada, com blocos de calcário e arenito. Os paramentos da área interior encontravam-se rebocados com argamassa ou com cimento, demonstrando uma utilização deste espaço até meados do século XX, com as usuais remodelações de um espaço habitacional/comercial.

Mais uma vez, de acordo com a construção pomba-

lina utilizada na Baixa de Lisboa, as fundações destes edifícios assentavam sobre um sistema de grade e estacaria que servia de embasamento para os seus alicerces.

2.4. Séculos XIX / XX

A segunda metade do século XIX marca mais uma grande fase de remodelação deste espaço urbano, culminando com o abandono e demolição dos edifícios pombalinos de *Ver o Peso* e com o aterro da antiga Doca da Ribeira Velha, permitindo ganhar nova área ao rio, assim como, uma nova área de aporagem de barcos, a Doca da Alfândega (actual Doca da Marinha).

Com avanços e recuos, estas remodelações começam a ser estudadas em 1861 pelo Porto de Lisboa. No âmbito de um destes projectos, posteriormente abandonado, terá sido construída a estrutura portuária posta agora a descoberto, que tem a particularidade de não se encontrar representada na cartografia histórica conhecida para esta época.

Trata-se de uma grande estrutura em alvenaria, com cerca de 40 metros de comprimento e com uma orientação Norte/Sul, com uma localização paralela e mais oriental em relação ao limite Norte/Sul da antiga doca da Ribeira Velha, indiciando, assim, um primeiro momento de aterro da mesma, seguido da construção deste novo paredão.

Esta fase de remodelação do porto de Lisboa que caracteriza os finais do século XIX, numa série de projectos que se iniciaram e abandonaram com alguma rapidez, está igualmente documentada por outros aterros e edifícios.

Com a pretensão de regularizar as margens do rio, de modo a manter as suas condições de navegabilidade, bem como eliminar o problema das praias lodosas (Cruz, 2016), estes projectos deram origem ao grande aterro que desactiva o Cais da Ribeira Velha e ganha novo espaço ao rio, permitindo a construção de novas áreas edificadas.

Assim, ao nível de realidades estruturais, este momento cronológico encontra-se representado de forma mais perceptível na área de implantação do futuro parque de estacionamento, por um grande núcleo edificado, correspondente a um novo edifício anexo à Alfândega, que procurou resolver os problemas de falta de capacidade de armazenamento ali sentidos. Era um comprido armazém de três naves, que sabemos medir cerca de 62,15m de largura por 87,10m de comprimento, estando “...nelle

[...] installadas duas casas de abertura, thesouraria, casa dos despachantes, casa do despacho immediato, estiva e ainda espaço para as fazendas despachadas.” (Loureiro, 1907, p. 321).

Entre as estruturas identificadas destacam-se os alicerces das suas fachadas principais, construídos em alvenaria bastante robusta e assentes sobre sólidas estacas de madeira, cravadas verticalmente, seguindo o exemplo das construções mais antigas.

Identificou-se ainda um conjunto de muros de menor dimensão, que correspondem a estruturas de apoio à sua actividade, entre os quais: alguns pilares para suporte do telhado do comprido edifício de 3 naves; diversos conjuntos de dois pequenos muros paralelos, associados a plataformas circulares, servindo de alicerces para os carris do sistema de transporte de mercadorias; e algumas rampas ligadas ao referido sistema de carris, servindo para descarga de mercadorias (Figura 12).

Em meados do século XX encontramos já a configuração urbana actual desta área da cidade, com a Avenida Infante D. Henrique, o novo edifício da Repartição da Propriedade Industrial (actual Instituto da Propriedade Industrial) e um novo largo do Campo das Cebolas, primeiramente utilizado como parque de estacionamento e posteriormente requalificado nos anos 80.

Em suma, o espaço hoje denominado como Campo das Cebolas conheceu uma complexa evolução urbanística, nomeadamente da sua frente ribeirinha, associada à uma elevada actividade mercantil e portuária, que se fez sentir pelo menos desde época pós-medieval. Estas dinâmicas proporcionaram a materialização de múltiplos contextos arqueológicos com um potencial científico elevado, agora apenas aflorado.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Clementino (2002) – Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa: a Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 11-27.

BARROS, António, (2014) – O saneamento na Cidade Pós-Medieval. “O caso de Lisboa”. Ordem dos Engenheiros, Lisboa.

CASTILHO, Júlio de (1941) – *A Ribeira de Lisboa. Descrição histórica da margens do Tejo desde a Madre de Deus até Santos o Velho*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal.

CASTRO, João Baptista de (1870) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Typ. do Panorama.

CRUZ, João (2016) – *A cidade e o rio: Origem e evolução da frente ribeirinha de Lisboa*. Dissertação para conclusão de Mestrado integrado em arquitectura, Universidade de Évora.

LOUREIRO, Adolfo (1907) – *Os Portos Marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. II.

MACEDO, Luiz Pastor de (1943) – *Lisboa de Lés a Lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal.

MACHADO, Júlio (1880) – *Novo Guia do Viajante em Lisboa*. Lisboa: J. J. Bordalo. 4ª edição.

MIGUEZ, João (2016) – *Obras de requalificação e implantação do Parque de Estacionamento a construir no Campo das Cebolas (Sondagens Diagnóstico, Fase 2). Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Lisboa: Era Arqueologia S.A.

OLIVEIRA, Nicolau de (1991) – *Livro das Grandezas de Lisboa (edição de 1620)*. Lisboa: Edições Vega.

SANDE, Duarte de (1997) – *Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à Cúria Romana*. Lisboa: Fundação Oriente.

SANTOS, Cristina (2012) – *Fortificações da Foz do Tejo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da (1987) – *As muralhas da Ribeira de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal. Vol. I, 2ªed.

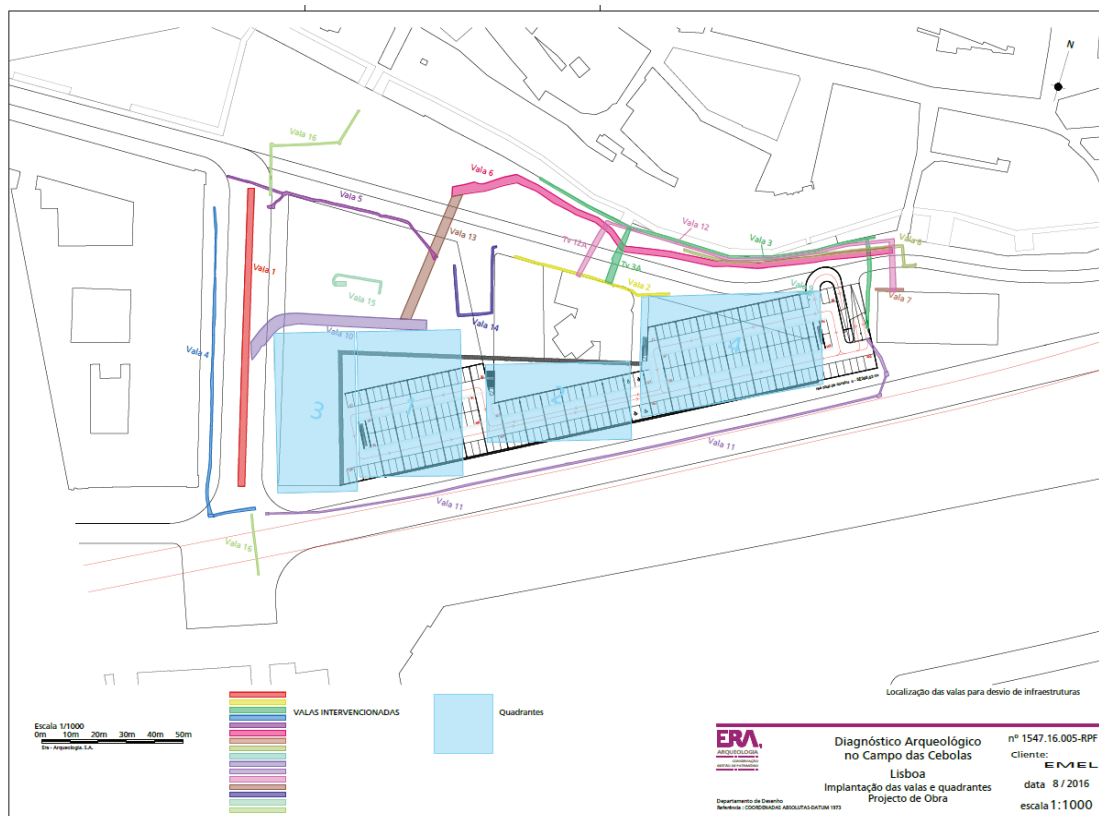


Figura 1 – Localização das áreas de intervenção.



Figura 2 – Alguns materiais provenientes dos níveis de aterro do século XVI.



Figura 3 – Vista da cidade de Lisboa, gravura de Braunio, c. 1572.



Figura 4 – Mercado da Ribeira Velha no quadro *A partida de S. Francisco de Xavier*, c. 1730.



Figura 5 – Lápide identificada, possível pedra foreira.



Figura 6 – Estruturas associadas ao Forte da Ribeira (século XVII).



Figura 7 – Localização das estruturas seiscentistas na planta de Carlos Mardel, 1756.



Figura 8 – Planta de Lisboa de Filipe Folque ,1856/58, com as realidades referidas.



Figura 9 – Cais pombalino da Ribeira Velha e respectiva escadaria.

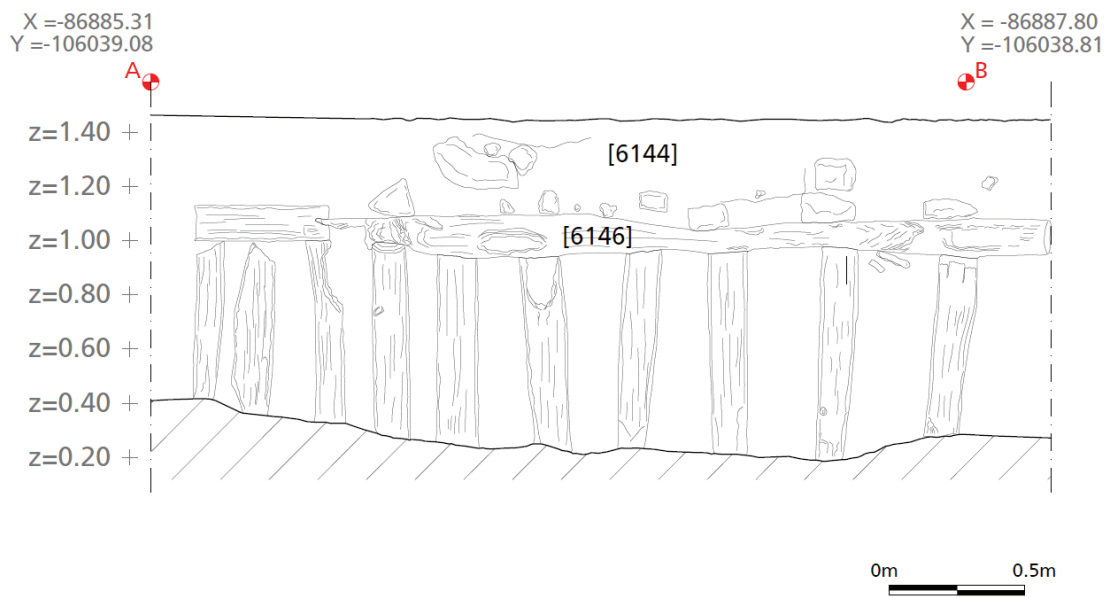


Figura 10 – Perfil de alicerce pombalino construído sobre escadaria



Figura 11 – Vista geral do Mercado da Ribeira Velha após realocização pombalina.

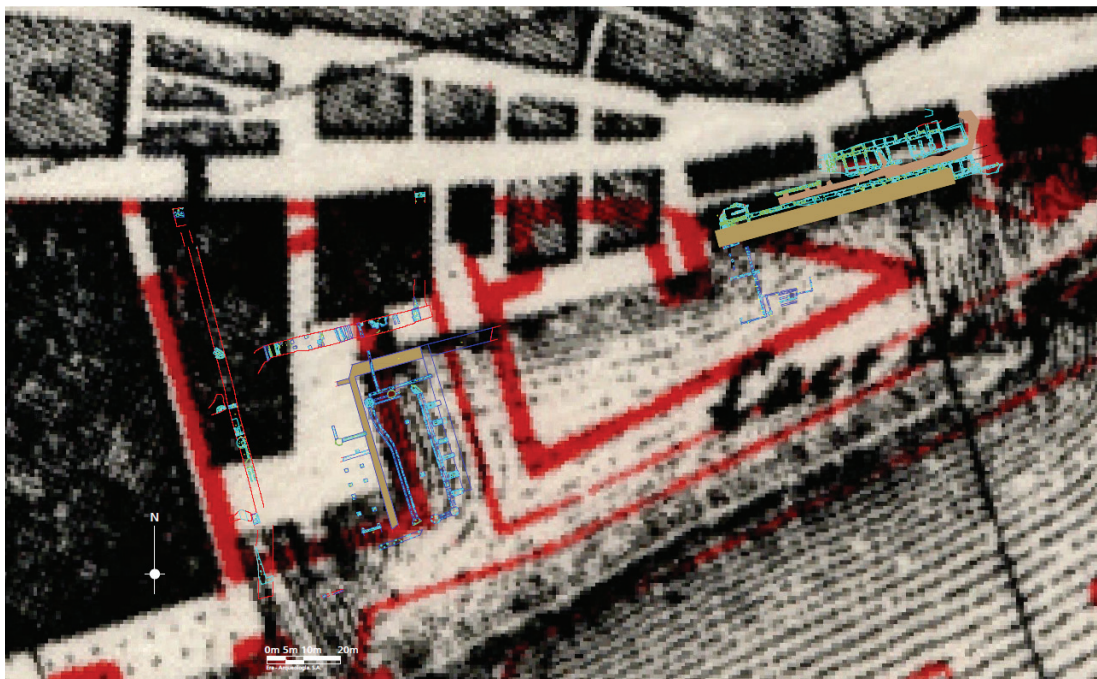


Figura 12 – Estruturas do século XIX/XX na planta de 1871 da Câmara Municipal de Lisboa.

